

Junta de Educação Nacional

RELATÓRIO
DA VIAGEM DE ESTUDO

DO BOLSEIRO

AUGUSTO LOPES DE ANDRADE

Oftalmologista dos Hospitais Cíveis e Assis-
tente da Faculdade de Medicina de Lisboa

LISBOA
1 9 3 4

C
CT
7
ID

RELATÓRIO DA VIAGEM DE ESTUDO

DE

AUGUSTO LOPES DE ANDRADE

(Entregue na Secretaria Geral da Junta em 28-VII-1934)

Junta de Educação Nacional

RELATÓRIO
DA VIAGEM DE ESTUDO
DO BOLSEIRO

AUGUSTO LOPES DE ANDRADE

Oftalmologista dos Hospitais Cívicos e Assis-
tente da Faculdade de Medicina de Lisboa



ALVARO GONCALVES
ALMILLO DE CARVALHO

RC
MNCF
617
AND

LISBOA
1 9 3 4

SUMÁRIO

Antelóquio

Considerações gerais

Die Universitäts — Augenlinik in Bern

Die Universitäts — Augenlinik in Münster in Westfalen

Conclusões

Antelóquio

Em cumprimento das obrigações que me impus pela assinatura do contrato, realizado entre mim e a J. E. N., tenho a honra de apresentar o Relatório final referente ao estágio em Clínicas estrangeiras que efectuei segundo as cláusulas desse contrato.

Aos ilustres membros da Comissão Executiva agradeço a confiança que em mim depositaram e a honra que me deram, incluindo-me no número daqueles, que, como bolseiros do Governo Português, têm aperfeiçoado a sua técnica e saber profissional em meios altamente especializados.

Seja-me permitido realçar o nome do Prof. Celestino da Costa, notável mestre de Histologia e Embriologia, aos esforços do qual muito ficarão devendo os que em Portugal se dedicam a uma carreira científica.

Não quero também esquecer o saudável secretário geral Prof. Dr. Luiz Simões Raposo, de quem todos os bolseiros receberam os primores de um fino trato e uma série ininterrupta de finezas. Espírito de *élite*, inteligência viva, trabalhador infatigável, o Dr. Simões Raposo pertenceu àquela reduzida falange de homens, que em Portugal têm, sobre o valor da ciência e sua organização, uma noção clara. A morte que prematuramente o roubou ao nosso convívio, abateu um valoroso soldado, dos que se batem com denôdo pelo prestígio e pela elevação da ciência portuguesa.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Mercê de factores que seria descabido discutir aqui, a oftalmologia portuguesa tem-se acantonado quasi exclusivamente no campo da prática clinica, vivendo do esforço dispendido noutros países. Os seus

cultores dividem-se segundo suas tendências e formações mentais pelas duas grandes escolas europeias que em todos os campos se defrontam : a francesa e a alemã. Uma ou outra vez surgem alguns trabalhos portugueses em revistas especializadas estrangeiras, que denotam um esforço meritório, mas que são apenas revêrberos duma luz amortecida, à qual falta a energia duma organização que imprima continuidade e profundeza no saber.

Em 1898, fundou-se em Lisboa um Instituto para tratamento das doenças dos olhos, que posteriormente foi modificado e ampliado, transformando-se no actual *Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto*. A criação dêste Instituto poderia ter sido a pedra angular duma Escola Oftalmológica, se, à sua principal finalidade, a assistência clínica, se ajuntasse a investigação científica. Não sucedeu porém assim. A produção científica do Instituto, pode considerar-se sem esforço, pouco notável, porquanto o largo período, que ela abrange, representa na história da oftalmologia um dos ciclos mais activos, particularmente no campo da bacteriologia e anatomia patológica oculares.

Se pelo lado do trabalho científico as coisas não correram pelo melhor, no que toca à organização do trabalho pedagógico pode dizer-se o mesmo, porque bem pouco se fêz. No Instituto de Oftalmologia que desde 1922 freqüente, o ensino resumiu-se sempre a duas lições semanais dadas pelo respectivo director, durante um curto semestre com longas férias. Não me consta que os assistentes tivessem tomado parte nos trabalhos escolares, auxiliando o Mestre, o que além de tornar mais eficaz o ensino, criaria nêles responsabilidades e estímulos que muito contribuiriam para a sua preparação pedagógica.

Desta sorte se chegou à situação que o Prof. H. Vilard seguindo informações do Prof. Gama Pinto, assim descreve nos *Archives d'Ophthalmologie*, de Fevereiro 1931, página 133 : — « Ce n'est qu'en 1911 que l'on a créé des chaires d'ophtalmologie dans les trois Universités du Portugal. Mais ce n'est qu'à Lisbonne qu'un enseignement régulier a été donné depuis 1912 jusqu'en 1929, c'est à dire, jusqu'à la mise à la retraite par limite d'âge du Professeur Gama Pinto. Depuis lors la chaire d'ophtalmologie est demeuré vacante et il n'y a plus d'ensei-

gnement de cette spécialité. D'après mon correspondant il n'y aurait pas de cours d'ophtalmologie à la Faculté de Porto et l'enseignement serait tout à fait fictif à la Faculté de Coimbra, où c'est le Professeur de Gynecologie qui est chargé accessoirement du cours d'ophtalmologie. »

Sôbre considerações desta ordem baseei os requerimentos que em três anos sucessivos, 1930, 1931, 1932, dirigi à J. E. N. e que, merecendo embora tôda a consideração da Junta como oportunamente me foi comunicado, só em 1932/33 obtiveram deferimento, porque só nessa altura o orçamento respectivo o permitiu. Várias razões me nortearam ao pedir o auxilio da J. E. N. e que constam dos requerimentos por mim endereçados àquele Serviço Público; entre elas, porém, duas havia que englobavam quasi totalmente o meu desejo: conhecer a cultura oftalmológica alemã e fazer uma honesta preparação laboratorial. Escrevo este Relatório com a satisfação e a tranquillidade de alguém que, atingindo o fim a que se propunha, espera poder continuar a merecer a confiança e o auxilio da J. E. N. para a applicação prática dos conhecimentos adquiridos.

Saindo de Lisboa, em Maio de 1933, levava entre os meus projectos a frequência demorada de duas clínicas de cultura alemã, havendo escolhido Berne e Münster. Tanto a escôlha como a precedência das duas clínicas que deixo apontadas, não foram a consequência do acaso ou de circunstâncias menos valiosas. Quando no meu espirito surgiu e se desenvolveu fortemente a idea, de que a cultura alemã era indispensável ao aperfeiçoamento da minha preparação oftalmológica, pedi ao Secretário Geral do Conselho Internacional de Oftalmologia que me informasse, qual das clínicas alemãs seria, no seu entender, mais perfeita. Münster foi a clínica indicada, não só como sendo das melhores, mas ainda porque o seu director fala correctamente o francês. Esta última razão não era de somenos importância para mim que pouco conhecia o alemão e desejava não gastar o tempo na exclusiva aprendizagem da lingua. Münster foi pelo que deixo dito o meu primeiro objectivo.

Já próximo ds minha partida dão-se na Alemanha profundas modificações políticas. Hitler e o seu partido obtêm o poder e os jornais falam de perturbações que levam a supor um tanto desorganizada a vida científica alemã. Alguns amigos, e entre elles o Dr. Simões Raposo, lembram-me a vantagem de seguir para Berne onde facilmente atingiria também os mesmos objectivos. A capital suiça appareceu assim à última hora no meu programa, sem que de tal haja que me arrependar, porque a bela organização da sua clinica oftalmológica, o gentil acolhimento do Professor Siegrist e dos seus Assistentes, a beleza incomparável do país, lançarão pela minha vida além a pálida luminosidade duma agradável e imperecível recordação.

Depois duma freqüência de alguns meses em Berne volto a Lisboa e a-pesar dos telegramas que relatavam freqüentes perturbações sociais na Alemanha, que os jornais diariamente inseriam, saio em breve para Münster onde permaneço durante a quasi totalidade do meu estágio. A Alemanha que eu previra desconfiada e em febricitante desordem, apparece-me calma, um tudo nada arrogante, mas absolutamente tranqüila. Na clinica situada a poucas centenas de metros do hotel onde morei, esperava-me uma recepção amigável, um pouco fria e demasiado protocolar talvez para a nossa maneira latina, mas que a convivência diária transformou na mais sincera e leal camaradagem. Citarei a-propósito que o Director, o Prof. Von Szily, me destinou no Laboratório, um lugar de trabalho imediatamente colocado a seu lado, onde efectuei a maior parte das minhas observações microscópicas. Mas nem só Münster prendeu a minha curiosidade, Düsseldorf e Dortmund, lindas cidades da região renana, com belas clinicas e boa organização hospitalar, foram também objecto da minha atenção.

De passagem por França, visitei a clinica de Bordéus no Hospital de Santo André, para abraçar amigos e rememorar os tempos já distantes em que sob a direcção de Felix Lagrange, ensaiei os primeiros e decisivos passos em oftalmologia. Em Paris não esqueci o Quinze-Vingt, o Hospital S. Luiz e a fundação Rostchild. Nestas últimas duas clinicas que eu frequëntara há oito anos, tive o prazer de rever o meu bom amigo e antigo Mestre Dr. Dupuy Dutemps, que por haver completado 63 anos de idade

abandonou a direcção da clínica do Hospital S. Luiz, pertencente à Assistência Pública da capital francesa. Os melhores elementos da oftalmologia parisiense, entre os quais se encontrava o grande Morax, também já atingido pelo limite de idade, homenagearam Dupuy Dutemps nesse momento com demonstrações de muita consideração. Em Düsseldorf, que já citei, assisti à 65.^a reunião da *Vereins rheinisch-westfälischer Augenärzte*. Assistiram entre outros os professores Krükmann de Berlim, Bartels, Von Szily e Engelking. À noite, num dos hotéis da cidade, realizou-se um jantar de confraternização, durante o qual a apregoada frieza germânica pouco a pouco se fundiu ao calor do bom vinho do Reno. Portugal e os seus oftalmologistas não foram esquecidos entre as saudações habituais em ágapes desta natureza.

No apetecido exílio de um ano, por essa Europa fora muitas foram as noções que impressionaram o meu espirito e que serão o tema obrigado das considerações seguintes. Entre tôdas, porém, uma desejo fazer ressaltar desde já: sempre e em tôda a parte, encontrei o chefe da Clínica particularmente absorvido pelas suas duas grandes preocupações — *o ensino e a investigação*. Encontrei mesmo esta coisa curiosa, a rivalidade entre Clínicas do mesmo país, rivalidade frutuosa, que não ultrapassa as fronteiras do trabalho científico e tem como corolário o melhor rendimento da Clínica. Como seria óptimo para a ciência médica portuguesa que esta correcta rivalidade tomasse assento entre as nossas três Faculdades Médicas!

¿Por que razão sucede quási sempre assim na Alemanha e na Suíça? Os Estados Suíço e Alemão compreenderam que o chefe duma Clínica Universitária, pelo elevado lugar social que ocupa e pela muita responsabilidade que sustenta, precisa ser equiparado materialmente às mais altas remunerações do seu funcionalismo. Desta forma o professor não tem, como em Portugal, a idea constante da clínica particular. Esta vem-lhe por acréscimo, mas não é a sua preocupação dominante. Os próprios assistentes usufruem uma situação bem diversa da dos seus colegas portugueses, pois que além do ordenado mensal que medeia por 150 fran-

cos suíços, têm ainda *pensão completa e habitação dentro da própria clínica*. Gozam também duma estabilidade, que, se lhes não permite esquecer os seus deveres para com o chefe, os não transforma a-pesar disso em joguete dos seus caprichos. O «Oberarzt», cuja categoria corresponde ao nosso chefe de clínica, recebe aproximadamente três contos mensais. Tanto ao «Oberarzt» como aos assistentes *é proibido* o exercício da clínica particular.

São evidentes os benefícios e os frutos desta organização. Ao professor não é possível ver nos seus assistentes rivais a quem se esconda o fruto duma larga experiência ou a quem se dificulte a preparação e o aperfeiçoamento da sua técnica profissional. Aos assistentes nada mais os preocupará do que o cumprimento dos seus deveres na clínica e a melhoria da sua bagagem intelectual, movidos pelo estímulo forte de subirem um dia à custa dos seus próprios méritos à categoria do *Chefe, que por isso mesmo tem o exercício do lugar limitado a uma idade conveniente* (65 anos). Estabelece-se assim uma verdadeira carreira científica, uma continuidade perfeita do ensino, onde as surpresas e as improvisações não têm lugar. Aqueles que reconhecerem o progressivo estado da medicina alemã, não podem deixar de meditar na sua organização, que segundo penso, é o mais forte motivo dêsse progresso. Digamos ainda que a Suíça e a Alemanha têm pelo ensino universitário uma tal consideração, que tudo se dispõe e organiza de forma a facilitá-lo e a colocar aqueles que a êsse ramo da actividade humana se dedicam, numa situação desafogada e digna. Por isso o professor só rarissimamente se afasta do seu principal papel: — aprender e ensinar.

Sem de forma alguma pretender menosprezar os verdadeiros centros de estudo que já hoje possuímos, sinto a obrigação de afirmar que, geralmente, em Portugal uma clínica tem como finalidade máxima *tratar doentes*. Esta concepção não é moderna. Uma clínica é hoje mais alguma coisa do que um hospital. Se alberga doentes para lhe prodigalizar os cuidados e os recursos já adquiridos, precisa não descurar a sua função mais alta, que é desvendar pacientemente os mistérios

que a medicina encerra. Foi por isso que ao lado da enfermaria nasceu o laboratório e a biblioteca. O que deixo exposto nada tem de original, mas é necessário repeti-lo, repeti-lo sempre com a fôrça e a convicção que dão a experiência e o convívio, em meios onde estas verdades se tornaram indiscutíveis.

Pouco a pouco o laboratório tem invadido as clínicas portuguesas, mas eu creio não errar afirmando que êle é ainda insufficientemente compreendido. Nalguns meios supõe-se que basta possuir o material necessário para o exame histológico dum tumor, ou fazer um perfunc-tório exame duma urina, e isto de tempos a tempos, para que as modernas necessidades laboratoriais sejam satisfeitas. Não é assim. O laboratório é alguma coisa de tão delicado que exige o adextra-mento diário do seu pessoal técnico e não se compadece com a lamentável prática de ser o Assistente que nas horas vagas do seu labor clinico vai, apressado, ao laboratório, fazer uma má preparação. O laboratório trabalha todos os dias auxiliando o diagnóstico e investigando. Só assim êle se torna um elemento de ensino para mestres e alunos.

Portugal não possui hoje clínicas oftalmológicas completas e modernas. Em Lisboa, o melhor serviço é o n.º 7 do novo Hospital dos Capuchos, que satisfaz plenamente os fins para que foi criado, mas que está aquém do que deva ser uma clínica universitária. O serviço dos Capuchos, enquadrado nos Hospitais Cívicos, é um pequeno serviço destinado somente a assistência médica, tal como a organização a que pertence. Coimbra e Pôrto não possuem também clínicas universitárias dignas de menção. A-pesar de todos os seus defeitos, o Instituto de Oftalmologia Dr. Gama Pinto, é ainda no momento actual, pela riqueza e variedade dos doentes que o procuram e pela largueza das suas instalações, o lugar indicado para a instalação de uma clínica, que sirva de modelo às que posteriormente devem ser criadas nas duas restantes universidades portuguesas.

Die Universitäts — Augenklinik in Bern

Berne, a linda cidade de 120.000 habitantes banhada pelas águas impetuosas do Aar e circundada por horizontes duma incomparável beleza, é o quadro magnífico, calmo e tranqüilo, no meio do qual floresce um dos melhores centros de estudo da Europa. A gente é polida e sossegada, a higiene perfeitíssima e há uma tal quietação nos homens e nas coisas, um tão ardente desejo de viver em íntimo contacto com os esplendores duma natureza belíssima, que chega a supor-se, falsa suposição no entanto, que Berne possui o dom de haver-se subtraído à permanente inquietação dos nossos tempos. É aqui, um pouco afastada do centro da cidade, no parque do Inselspital, que se encontra uma excelente clínica para o estudo e tratamento das doenças dos olhos.

A clínica de Berne teve sempre um alto relêvo na oftalmologia mundial. Dirigiram-na professores ilustres como Rau, V. Zehender, Dor, Pflüger e o actual Siegrist. Abrigada primitivamente numa casa imprópria, coube a êste último a alegria de poder instalar a sua clínica em edificação conveniente e de forma tão perfeita que, quasi trinta anos volvidos sôbre a sua construção, pode ainda ser considerada uma realização feliz. O plano havia sido já aprovado por Pflüger quando, por morte inesperada dêste, é chamado ao lugar de professor o seu discípulo e amigo Siegrist. Êste, reconhecendo que o primitivo plano era incompleto, faz-lhe sofrer profundas remodelações que, segundo êle próprio o diz, foram a consequência do estudo minucioso das mais modernas clínicas alemãs e holandesas. A construção do edifício obedeceu a principios básicos que podem resumir-se assim:

Teve de restringir a sua principal fachada ao comprimento de



Professor A. SIEGRIST, director da clínica
Oftalmológica de Berne

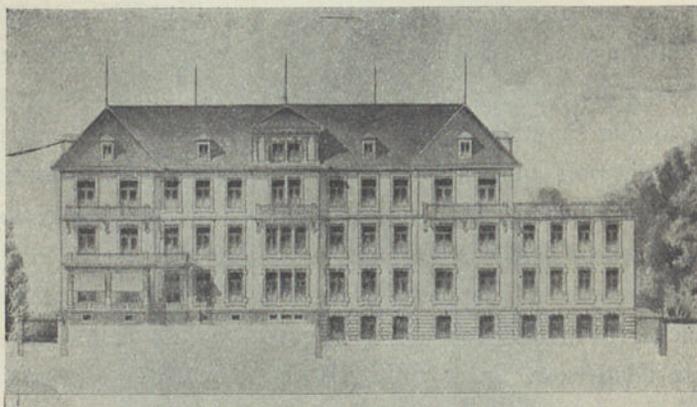
52 metros e orientar o edificio no sentido norte-sul, de acôrdo com o terreno que lhe foi destinado na cêrca do Inselspital. Tendo em vista as necessidades duma clinica moderna, alojou-se no rés-do-chão a consulta externa com os seus diferentes compartimentos (sala de espera, salas de observação e salas de tratamentos) assim como a sala da aula, os laboratórios, o gabinete do director e a sala dos assistentes. Foi ainda neste andar que se instalou a divisão das crianças com fácil acesso para os jardins do hospital. Para comodidade dos doentes e do movimento interno, destinou-se o primeiro andar para enfermarias dos pacientes adultos dos dois sexos; desta forma ficaram afastados do serviço da policlínica e do ensino. As enfermarias ficam nos extremos do edificio e ao meio, separando-as, colocou-se a sala de operações com suas dependências e os quartos para os operados de catarata. Instalou-se no segundo andar uma secção para os doentes particulares do professor, o que Siegrist justifica dizendo que, não sendo uma inovação no Inselspital, pois que já Dor e Pflüger a possuíram, permite ao director da clinica não perder tempo e exercer uma mais perfeita fiscalização em todos os serviços. Demais, diz ainda Siegrist, é desejável que assim seja porque a vantagem moral de tratar ricos e pobres sob o mesmo tecto, na mesma sala de operações e com os mesmos cuidados, não é para desprezar. Trata-se de uma disposição que encontrei correntemente noutras clinicas sem que dê motivo ao mais leve reparo.

O último andar foi destinado às salas de reserva, quartos dos assistentes, do pessoal não médico e outras dependências secundárias.

Na cave, ficaram a biblioteca, o gabinete de fotografia, a câmara escura dos estudantes, a sala de operações para animais e os compartimentos onde estes se criam e guardam.

Como se pode julgar por esta descrição resumida e rápida, ou melhor ainda, pelas fotografias que a acompanham, a clinica de Berne é bastante perfeita e admiravelmente apetrechada. Nas salas de tratamento, refração e oftalmoscopia, não faltam os aparelhos mais modernos e a disposição mais cómoda para que a observação dum doente seja completa.

Na sala de tratamentos (Behandlungszimmer) que serve também



Fachada principal da clínica oftalmológica de Berne

para operações cépticas, encontra-se uma marquesa modelo Siegrist, um aparelho eléctrico para esterilização de instrumentos, cómodos lavabos, uma mesa de pensos e um pequeno armário onde se guardam instrumentos cirúrgicos e os colírios vulgares para fornecer gratuitamente aos pobres. Ao lado desta sala fica outra mais pequena, destinada especialmente aos exames de urina e de sangue, mas servindo também para o exame dos doentes que sofrem de moléstia cuja natureza exige um interrogatório reservado, ou ainda para as medições da tensão ocular. Tal como a sala de tratamentos, comunica directamente com a sala de espera outra, a sala de refração (Brillenzimmer). Aqui encontram-se dois optómetros de Cooper, uma escala de Pflüger iluminada artificialmente, uma caixa de lentes, um frontofacómetro e outros meios de investigação, como queratómetros, exoftalmómetros, quadros côrados de Stilling, etc. De especial, nota-se nesta sala, o pavimento de mosaico, onde estão marcados em metros e meios metros as distâncias entre a posição do doente e as escalas de optótipos para medições da visão. Um grande armário para as histórias clínicas e três mesas altas, onde os médicos de pé redigem as suas observações e prescrevem o tratamento, completam o mobiliário desta casa, na parte posterior da qual um pequeno pavilhão envidraçado contém os perímetros de Pflüger para o exame do campo visual.

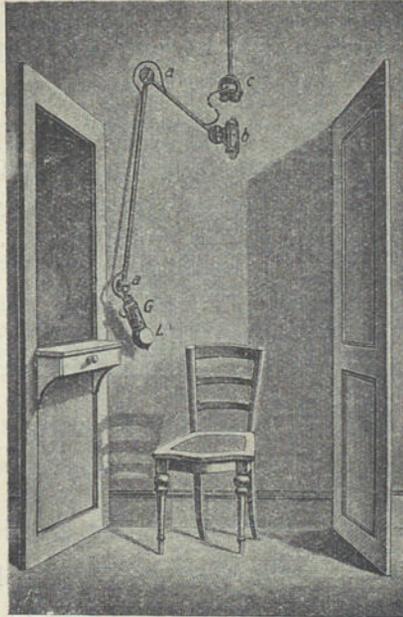
Da sala de refração penetra-se por duas portas fechadas apenas por reposteiros pretos, na câmara escura (Dunkelzimmer). A câmara escura é um largo compartimento à roda do qual se dispõem seis pequenas divisões especialmente preparadas para a oftalmoscopia. Em cada divisão, destinada ao exame dum doente, existe uma lâmpada oftalmoscópica modelo de Berne, uma pequena gaveta para instrumentos e um rectângulo de oleado colado na parede divisória, onde é possível desenhar a giz de várias côres as lesões observadas. Nesta sala encontram-se ainda o oftalmómetro de Javal, a lâmpada de Gullstrand, o oftalmoscópio de Thorner, a lâmpada com luz aneritra, oftalmoscópios eléctricos, Skiascop de Siegrist, um microscópio corneano, etc. Além destas, são dignas de menção, a sala (Sammlungszimmer) onde se guardam colecções de velhos instrumentos ópticos, alguns modelos de gesso de casos clínicos interessantes, e



Clínica de Berne — Sala de refração (Brillenzimmer)



Clínica de Berne -- Laboratório de Anatomia Patológica



Clínica de Berne — Uma divisão na
câmara escura preparada para
oftalmoscopia

as *dezóito revistas médicas* de que a clínica é assinante. Estas revistas são mensalmente substituídas por novos números cuja reünião anual constitui uma grande riqueza da biblioteca. A sala da aula é, além de muito espaçosa e cómoda, provida do melhor material pedagógico. Tem um comprimento de dez metros, doze metros de largura e cinco metros de altura. As suas amplas janelas fecham-se perfeitamente por meio de estores pretos, que um motor eléctrico eleva ou abaixa de maneira automática. Um aparelho projector de desenhos e preparações histológicas, assim como numerosos quadros que pendem pelas paredes, tornam o ensino eficaz e atraente. Os laboratórios de bacteriologia e anatomia patológica, e outras instalações como as destinadas ao exame do senso luminoso e do senso das côres, fazem desta clínica um óptimo elemento de ensino e de assistência, porque as suas enfermarias e salas de operações são também modelares. Uma instalação telefónica para serviço interno e externo, iluminação eléctrica e a gaz, aquecimento central em tôdas as dependências, serviço esplêndido de banhos quentes e frios para o pessoal e para os doentes, transformam a clínica num conjunto harmónico e agradável.

Embora tivesse a quasi certeza de ser bem atendido pelo Prof. Siegrist, despido que fôsse de qualquer recomendação, preferi no entanto apresentar-me no *Inselspital* introduzido pela mão do nosso compatriota Dr. D. José da Cunha, médico muito distinto e considerado no meio de Berne. O Dr. Cunha foi além disso, durante o meu estágio na capital suíça, um guia e um amigo, pelo que tem jus ao meu reconhecimento. De facto, a recepção do Prof. Siegrist não podia ser mais amável, nem mais generosa. Deu-me plena liberdade de trabalho na sua clínica e equiparou-me em tudo aos seus assistentes oficiais, entre os quais desejo fazer sobressair o «*Oberarzt*» Dr. Goldmann, que sem um constrangimento pôs sempre à disposição da minha curiosidade todo o seu saber e experiência.

Não podia ter começado sob melhores auspícios a minha frequência na clínica de Berne. Tôdas as manhãs, às 9 horas, era pas-

sada a visita às enfermarias. As 10 horas, começavam os trabalhos da policlínica, que se prolongavam, geralmente, até às 13,30 horas, e à tarde o Prof. Siegrist, das 17 às 19 orientava-nos em trabalhos de anatomia patológica, fazendo especialmente para mim e seus assistentes, um curso de histopatologia ocular. Como resultado desse ensino publiquei a observação dum quisto Iriano bastante curioso, no estudo do qual julgo haver provado que estas neo-formações patológicas são sempre de origem traumática e derivam do epitélio da pele. O trabalho que intitulei *A propósito dum Epidermoidoma da Iris* foi publicado na *Lisboa Médica* do mês de Janeiro de 1934.

Sob o ponto de vista meramente clínico, a frequência de Berne é também muito proveitosa, porque o número de doentes é grande e a sua exploração e tratamento executados com rigoroso cuidado, havendo para isso pessoal suficiente e sabedor. Para dar uma idea numérica do movimento da clínica, reproduzo do Relatório anual do Inselspital referente ao ano de 1933, os seguintes dados:

Doentes tratados na Policlínica.....	5000
Doentes internados	632

Estes doentes foram assim distribuídos:

Doenças dos órgãos lacrimais.....	24
» das pálpebras.....	25
» dos músculos.....	17
» da conjuntiva, esclerótica e córnea...	157
» da íris, c. ciliar e coroideia.....	84
» do cristalino.....	112
» da retina e nervo óptico	65
Glaucoma e Hidroftalmos.....	60
Traumatismos	56
Panoftalmia, tísica do globo.....	5
Blenorreia das crianças e adultos	6
A transportar.....	121

Transporte.....	121
Conjuntivite diftérica	1
Doenças de órbita.....	1
Anomalias de refração.....	11
Várias.....	7
Total.....	<u>631</u>

PESSOAL DA CLÍNICA

Director: Professor A. Siegrist.

«Oberarzt»: Dr. Hans Goldmann.

1.º Assistente: Dr. Hermann Burian.

2.º Assistente: Dr. Eberhard Kunz.

3.º Assistente: Dr. Wilhelm Buscke.

Desenhador: Johann Iseli.

Secretária e Bibliotecária: Frl. Nelly Hagen.

Irmã Superiora: Luise Brandenberger.

Irmã da Policlínica: Nelly Sahli.

Além destes, há 7 irmãs enfermeiras e o pessoal de limpeza.

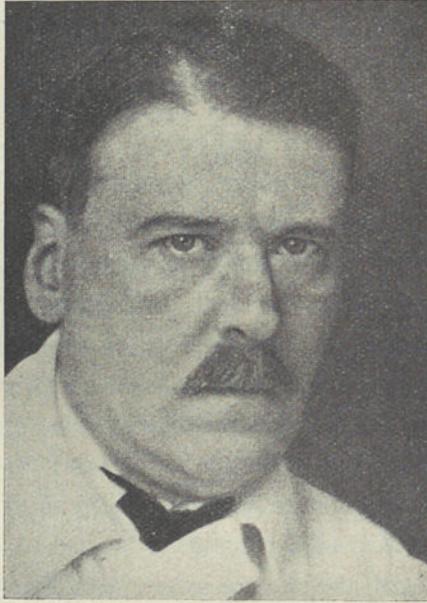
Para frisar o amável e sincero acolhimento que todos me dispensaram direi que nunca me senti estrangeiro em Berne, capital desse povo admirável digno da nossa maior consideração pelo seu civismo e pela sua cultura.

Die Universitäts—Augenklinik in Münster in Westfalen

Münster, capital da Westfália, é uma velha cidade cujo desenvolvimento através dos seus onze séculos de existência pode ainda hoje seguir-se com facilidade estudando os numerosos monumentos arquitectónicos que a povoam. A catedral (Der Dom), originada num velho mosteiro da época carolíngia, foi como que um núcleo à roda do qual, pelo decorrer dos séculos, a cidade se foi desenvolvendo e expandindo. Hoje mesmo, quem subir à Lambertikirchturm, um dos lindos exemplares góticos de Münster, verá que à roda das tórres esverdeadas da catedral, onde S. Ludgero missionou, a cidade se expande numa extensão quasi igual em tôdas as direcções.

É próximo da catedral que se encontra, instalada num edificio curioso, a Universidade, cuja fundação data do século xvii. Devido aos esforços do bispo de Münster, Fernando de Bayern, a Universidade foi instituida em 1631 com as Faculdades de Filosofia, Teologia e Jurisprudência. Sobreveio depois a Guerra dos Trinta anos e esta affectou tão profundamente a Westfália que só 150 anos mais tarde a Universidade foi definitivamente instalada, mas desta vez com uma Faculdade a mais, a de Medicina. Por entre várias vicissitudes a Universidade Munsteriana foi tomando tal incremento que, no semestre de inverno do ano de 1931-32, a população escolar atingiu o número de 5.527 estudantes, entre os quais 1.398 da Faculdade de Medicina.

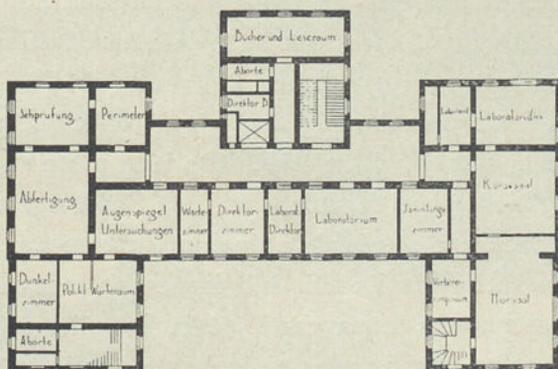
As exigências duma freqüência escolar cada vez maior e as imposições da ciência moderna, levaram o Govérno do Reich e o municí-



Professor A. VON SZILY, director
da clínica oftalmológica
de Münster in W.



Clinica ocular de Münster — Fachada principal



Planta do primeiro andar onde se encontram as principais instalações

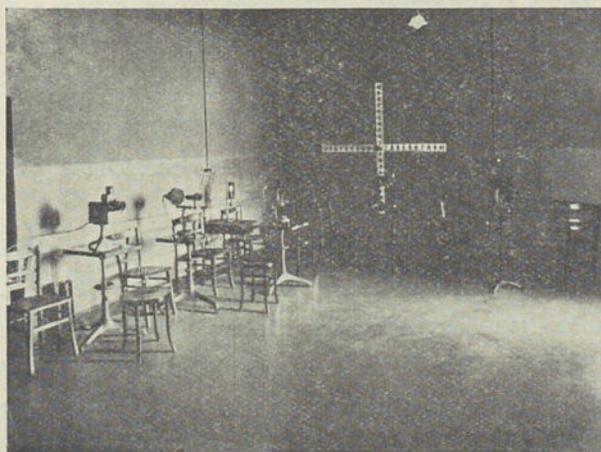
pio da cidade a instalar nos arredores, um pouco a noroeste, tôdas as clínicas e institutos da Faculdade de Medicina, em construções modernas para êsse fim projectadas. O grandioso projecto, pensado antes da guerra, só depois desta pôde ter execução, e em 1925 a maior parte das novas clínicas, e entre elas a Augenklinik, começaram a funcionar regularmente. A última a ser construída foi a Psychiatrischen und Nerven-klinik, começada em 1927 e inaugurada em 1932. A clínica oftalmológica de Münster é, portanto, uma das mais modernas da Alemanha, o que equivale a dizer que, embora despida de ornamentações exteriores do tipo monumental, luxo que a época presente, cheia de necessidades, não consente, encerra no entanto tudo o que o ensino e a ciência exigem.

Observando o projecto da construção, vê-se que, resumidamente, esta é constituída por três corpos, dois laterais e um mediano servindo de traço de união. A entrada para o edificio faz-se por três portas destinadas a serviços diversos. A primeira encontra-se no corpo esquerdo e dá passagem aos doentes que vão para a consulta externa; a segunda, a entrada principal, abre-se ao meio do edificio e por ela entram os doentes internos, as visitas e o pessoal; a terceira está no corpo do lado direito e dá acesso à parte da clínica destinada ao ensino, servindo apenas para os estudantes. No rés-do-chão e ao lado da entrada principal fica a morada do porteiro, que fácilmente pode vigiar do seu lugar as três entradas já referidas. Do lado norte encontram-se os compartimentos do pessoal feminino, da Irmã Superiora, a sala de operações para animais, e a sala de preparação dos meios nutritivos empregados em bacteriologia. Do lado sul dispõem-se as instalações para os três médicos assistentes, e na parte média fica uma pequena cozinha que trabalha apenas para aqueles e o restante pessoal interno. No rés-do-chão e face posterior do edificio existem duas portas que estabelecem comunicação com o jardim e por ela se efectua o serviço interno em relação com as outras clínicas, com a cozinha geral e a lavandaria.

O estábulo para os animais de laboratório (Tierstall), fica numa pequena casa afastada alguns metros, rodeada de verdura e com tôdas as instalações convenientes. Ao lado dêste estábulo encontra-se o gabinete



Sala de observações da consulta externa
(Abfertigungsraum)



Sala para oftalmoscopia (Spiegelzimmer)

de fotografia com as suas especiais dependências. Esta disposição reputo-a melhor do que a de Berne, porquanto, a-pesar-de todos os cuidados de limpeza e higiene, o estábulo onde se guardam de preferência coelhos, exala sempre um cheiro muito desagradável. No primeiro andar, o mais importante, existem as dependências da consulta externa, a sala do director, laboratórios, lavabo, biblioteca e os compartimentos reservados ao ensino. Eu creio que vale a pena descrever mais miudamente os serviços da consulta externa, laboratório e ensino, porque em tôda a parte devem êles ocupar o primeiro lugar.

Consulta externa.—A Consulta externa, designada mais vulgarmente entre os alemães pelo nome de Policlínica, ocupa no primeiro andar tôda a asa esquerda do edificio. O acesso dos doentes é feito por uma porta já mencionada que abre para uma escada que conduz à sala de espera. Nesta sala os doentes são registados pela secretaria num impresso destinado à história clinica, e daqui penetram êles na « Abfertigungsraum » onde aguardam que o médico os chame para o respectivo exame. A « abfertigungsraum », que podemos chamar sala de observações, é um grande compartimento rectangular onde se efectua a observação e tratamento das moléstias externas, a medida da visão e a redacção da história clinica. Para isso possui dois lugares para tratamento com as respectivas mesas de pensos, caixas de lentes, escalas de optótipos e duas mesas onde os assistentes registam as observações. A um canto da sala existem os objectos necessários para o immediato exame directo duma secreção conjuntival.

Dêste compartimento penetra-se por portas, bem visiveis na fotografia junta, na sala de oftalmoscopia (spiegelzimmer) e na câmara escura (Dunkelzimmer). Há que mencionar desde já que nas paredes da Spiegelzimmer não vemos a côr vulgarmente negra das câmaras escuras, mas sim o vermelho de pompeia, que na metade inferior da sala é pintado sem brilho. Esta disposição é útil, porque a Spiegelzimmer onde se fazem por vezes, ao mesmo tempo, numerosos exames, tem sempre muitas lâmpadas acesas e por consequência espalhados pelo ambiente grande quantidade de raios de longas ondas que o vermelho mais facilmente absorve.

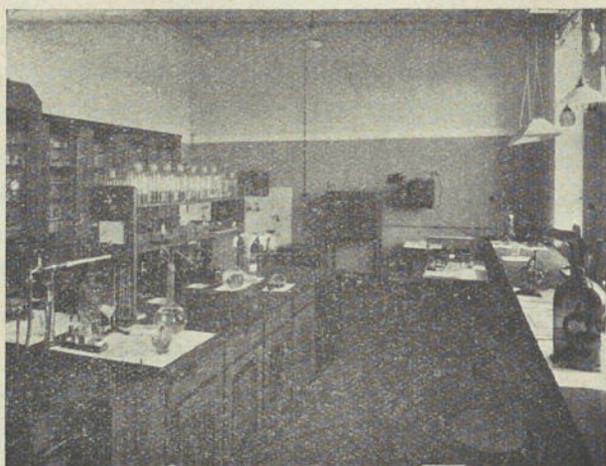
Nesta sala existe uma janela de ventilação com dispositivo apropriado

que a torna totalmente impermeável à luz. Há que mencionar ainda cinco lugares para oftalmoscopia com mesas e lâmpadas especiais, dois oftalmómetros, uma lupa binocular de Zeiss, um Skiaskóp de Hess, a lâmpada de Vogt para luz sem vermelho, um forómetro de Stock, oftalmoscópios electricos, uma cruz de Maddox para medições dos estrabismos e um entoptoscópio. A verdadeira câmara escura herméticamente fechada por duplas portas, forradas de negro mate como as restantes paredes da sala, contém um aparelho de Nagel para exames de adaptação, o grande oftalmoscópio de Gullstrand, a lâmpada de fenda, o refractómetro de Zeiss e o pupiloscópio diferencial de Hess. Esta sala colocada cómodamente ao lado da Abfertigungsraum, serve apenas nos casos duvidosos, que exigem uma observação mais profunda.

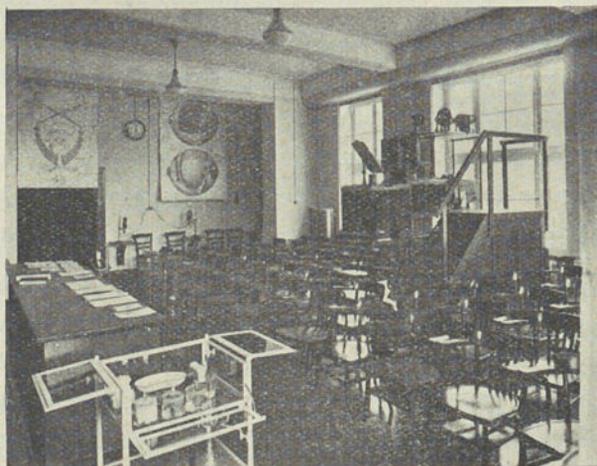
Do lado oposto à câmara escura existe outra sala para tratamento dos doentes antigos, onde trabalha quasi exclusivamente o «Oberarzt». Ao lado desta, existe um sexto compartimento destinado de preferência ao estudo do campo visual, tonometria e senso das côres. Como aparelhagem vê-se aqui o perimetro de Förster, o quadro de Byerrum, o anomaloscópio de Nagel, os quadros de Haitz para o estudo do campo visual central, uma lâmpada de Birch-Hirschfeld, um frontofacómetro e uma *chaise-longue* onde se deitam os doentes cuja tensão ocular necessita medida.

Laboratório. — A Clínica de Münster possui dois laboratórios onde diariamente se executam trabalhos de bacteriologia e anatomia normal e patologica, isto não só para servir as necessidades da clínica, mas ainda para executar trabalhos scientificos que o director superiormente orienta. No laboratório trabalham três empregadas especializadas que sob a fiscalização dos médicos praticam os diferentes métodos de investigação. Seria supérfluo descrever, um a um, todos os aparelhos dos laboratórios; direi apenas que elles se encontram admiravelmente instalados, e que a sua principal aparelhagem, como micrótonos, estufas, geleiras, centrifugas, microscópios, etc., é o que há de melhor.

Ensino. — O ensino é ministrado pelo director, o «Oberarzt», e os assistentes, que para isso se servem de um grande compartimento para oftalmoscopia e a sala da aula modelarmente instalada. A primeira, construída segundo as regras seguidas na sala de oftalmoscopia já descrita



Clínica de Münster – Um dos laboratórios



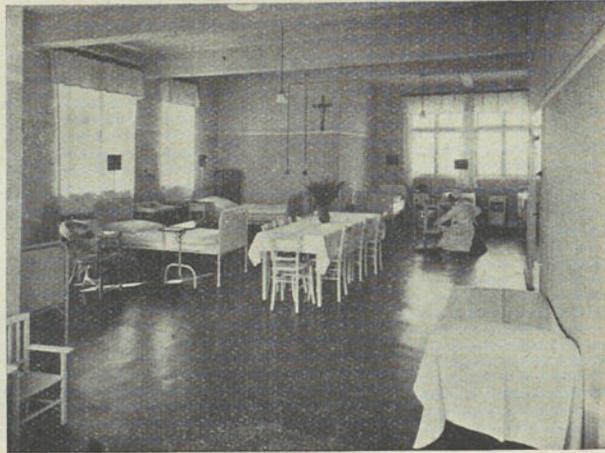
Sala da aula

a-propósito da policlínica, tem à roda das paredes, em pequenos quadros ali pendurados, um atlas completo de lesões do fundo dos olhos e um oftalmoscópio de Thorner para demonstrações. A sala da aula é provida de quadros instrutivos, ardósias, aparelho de projecção, mesa de pensos e numerosos modelos de gesso. Imediatamente ao lado desta, há outra sala mais pequena reservada para guardar as colecções destinadas ao ensino, tais como fotografias, desenhos, preparações histológicas, diapositivos, moldes, etc.

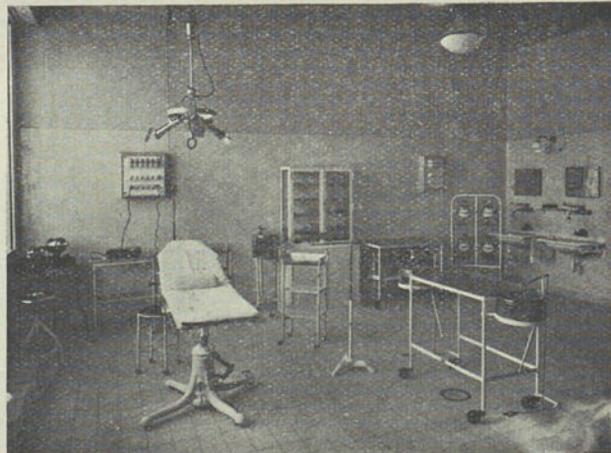
No lado sul do segundo andar, ficam as enfermarias dos homens com uma plataforma para curas de ar livre, sala de tratamentos, banhos e uma dependência onde se guarda a aparelhagem eléctrica necessária para as curas de sudação. Do lado norte encontram-se os compartimentos destinados à parte cirúrgica e os quartos dos doentes particulares do director. A parte cirúrgica, compreende uma óptima sala para operações asépticas, outra mais pequena para operações cépticas e extracção de corpos estranhos, sala de esterilizações e sala para preparação dos operados. No terceiro andar instalaram-se as enfermarias de mulheres na asa esquerda do edifício e as crianças do lado norte. Nas águas furtadas, além dos quartos do pessoal, existe uma sala preparada com lâmpadas de mercúrio para as curas pelas irradiações ultra-violetas. Instalação telefónica em todos os andares, serviço de banhos, aquecimento central e ascensor, completam de forma feliz esta útil organização.

Pelo que acabo de expor deve concluir-se que a clínica ocular de Münster se encontra convenientemente instalada e bem provida de material moderno. Mas o que impressiona agradavelmente o visitante não é tanto a riqueza das instalações, mas antes a perfeita organização, servida por pessoal idóneo e suficiente para lhe assegurar o funcionamento de maneira regular e perfeita. Conhecemos várias clínicas onde o material é abundantíssimo, mas que a-pesar disso, são corpos mortos, sem alma científica, porque o reduzido pessoal que ali trabalha mal chega para assegurar no meio de maior azáfama uma assistência médica insuficiente. Se o leitor tiver, como eu, assistido a algumas consultas na maior





Uma enfermaria



Sala de operações

parte das clínicas lisbonenses, verá que não exagero; e se pensar que ainda por cima as organizações hospitalares rebaixaram a situação material do médico a ponto de lhe pagarem menos do que a um criado, não só justificará que assim seja, mas compreenderá até, por que motivo aquele, fugindo às nobres imposições da sua arte, procura auferir pela clínica particular o que nos seus lugares oficiais lhe é injustamente negado; apressado no laboratório, apressado na biblioteca, apressado na enfermaria, o médico procura... ganhar a vida. Aquele que estas linhas escreve ouviu um dia com pasmo, a afirmação, de que um médico hospitalar não devia ter ordenado, porque a prática adquirida e as vantagens que do hospital lhe advêm para o aumento da sua clínica particular, já chegavam como pagamento. A sentença veio de alguém com responsabilidades em direcções hospitalares, e dá a medida da mentalidade reinante à qual o médico se adaptou plenamente. Mas voltemos a Múnster e vejamos qual é o pessoal que serve a sua clínica oftalmológica :

Cinco médicos : Director : Prof. A Von Szily

« Oberartz : Prof. Poos

1.º Assistente : Dr. Tillmann

2.º » Dr. Macheimer

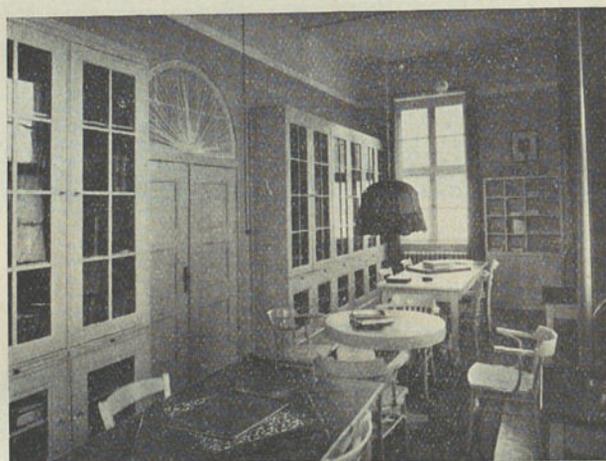
3.º » Dr. Gauss

Empregados de laboratório — quatro (três empregadas diplomadas e um criado)

Desenhador e fotógrafo — um

Dactilógrafa e bibliotecária — uma

Além dêste há ainda o pessoal de enfermagem, criadas e um porteiro. A enfermagem é assegurada por irmãs da Cruz Vermelha, organização com uns laivos de disciplina religiosa e uma rígida moral. Acrescente-se agora que o número anual de doentes internos e externos é aproximadamente igual à terça parte dos que em cada ano procuram o nosso Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto, que além de uma organização de assistência é também considerado o melhor, senão o único



Sala de leitura e biblioteca

estabelecimento de ensino oftalmológico em Portugal. É por isso algo instrutivo expor aqui a relação do pessoal desta Clínica:

Médicos — quatro (um director e três assistentes)

Empregados de laboratório — nenhum (não há laboratório a funcionar)

Desenhador e fotógrafo — nenhum

Dactilógrafa e bibliotecária — nenhuma (a biblioteca não está organizada)

Pessoal de enfermagem e limpeza — existe apenas o estritamente necessário.

Durante a minha permanência em Münster três assuntos ocuparam preferentemente a minha atenção: a aprendizagem da língua, os trabalhos de laboratório e a execução de dois trabalhos científicos publicados na *Klinische Monatsblätter für Augenheilkunde*. Naturalmente não descurei também a frequência da policlínica e das enfermarias, apesar dessa frequência não ter para mim tanto interesse, pois foi-me consolador verificar que em Portugal se trata e diagnostica como nas melhores clínicas estrangeiras. Os meus trabalhos ali executados são trabalhos de anatomia patológica experimental. No primeiro, «*Versuche über den Einfluss von Verletzungen des Auges auf das Örtliche Auftreten von Herderscheinungen bei im Blute Kreisenden Tuberkelbazillen, nebst Bemerkungen zur Frage der sympathischen Ophtalmie*», Março de 1934, provei que o traumatismo é uma condição importante, embora não necessária, para o aparecimento duma tuberculose ocular de origem endógena. Pareceu-me poder concluir também que uma septicémia tuberculosa se propaga ao olho pelas duas vias sanguíneas, a da central da retina e a das ciliares, seguindo no entanto a maior parte das vezes esta última. É lógico pensar que assim suceda em tôdas as infecções de tipo septicémico.

Durante tôdas as experiências que abrangeram um largo período de tempo e numerosos animais (Coelhos), nunca me foi dado observar qualquer perturbação clínica de tipo simpático e as investigações histológicas provaram que não houve um único caso onde fôsse possível suspeitar da existência duma oftalmia simpática. Êste facto é

favorável àqueles que não aceitam a origem tuberculosa desta uveíte e julgam antes que ela seja uma doença «sui-generis», cuja etiologia está por desvendar. No segundo trabalho, «*Über die entzündungserregende Wirkung von hochmolekularen Fettsäuren und ihre Beziehungen zur Frage des sympathischen Ophthalmie*», que será publicado pròximamente, investiguei as reacções histológicas provocadas pela fitine e colessterina nos tecidos oculares, quando injectadas directamente na cavidade vítrea.

Guillery de Colónia, em sucessivos trabalhos publicados no «Graef's Archiv f. Ophthalmologie», tem-se feito defensor da tese, segundo a qual a oftalmia simpática é o produto duma toxemia tuberculosa. Posteriormente, Anderson e outros autores americanos, conseguiram isolar por processos químicos especiais e em grandes quantidades algumas substâncias extraídas do bacilo tuberculoso. Para isso manipularam pesos consideráveis de culturas. Injectando essas substâncias isoladamente na cavidade peritoneal de coelhos, obtiveram nódulos inflamatórios onde o microscópio revelou numerosas células gigantes, linfocitose e outras lesões de tipo tuberculoso. Guillery viu nestas pesquisas dos investigadores americanos uma confirmação das suspeitas que há muito nutre sobre a natureza da oftalmia simpática e pretendeu tirar uma prova real injectando na cavidade vítrea de coelhos essas toxinas. Como consequência, obtive a formação de células gigantes ao nível da coriocapilar, e noutros casos, reacções linfocitárias intensas em tóda a úvea. Estes resultados mais convenceram Guillery, que por isso foi levado a afirmar não conhecer qualquer outra substância ou doença capaz de apresentar lesões tão semelhantes às da uveíte simpática.

O meu trabalho teve, pois, por finalidade responder a estas últimas afirmações de Guillery. De facto, injectando colessterina e, especialmente, fitine, em soluções convenientes, na cavidade vítrea de olhos de coelho, obtive quasi sem excepção células gigantes tipo de Langhans e reacções linfocitárias por vezes duma grande intensidade. Julgo, pois, que aquelas reacções, longe de serem específicas, devem antes traduzir um estado irritativo do *Reticulo-Endotelial* e serem dependentes do tamanho da molécula do corpo irritante. Como se vê, o assunto é bastante árduo e está ainda longe duma solução definitiva.

ORGANIZAÇÃO DO ENSINO NA CLÍNICA DE MÜNSTER

O ensino é dividido em duas partes. Uma de que se encarrega o director da Clinica, Prof. V. Szily, assim distribuída em cada semana:

Lição clínica com demonstrações — 2.^{as} e 4.^{as} feiras, das 12 às 13 horas.

Anatomia patológica e bacteriologia dos olhos — 1 hora, em dia convencionado com os alunos.

Consulta externa — Diariamente. Facultativa.

A segunda parte do curso é dirigida pelo «Oberartz», o Prof. Poos, e distribui-se semanalmente da seguinte forma:

Curso de Oftalmoscopia — 3.^{as} e 6.^{as} feiras, das 12 às 13 horas.

Curso prático sobre o exame das funções oculares — 1 hora, em dia convencionado com os alunos.

Os olhos e as doenças gerais — idem, idem.

Êste ensino corresponde, no plano geral de estudos na Faculdade de Medicina, ao 6.^o e 7.^o semestres.

CONCLUSÕES

O autor do presente Relatório não é um descrente nas possibilidades criadoras da raça portuguesa, nem um céptico a quem sejam indiferentes os destinos da Pátria. Mas sente e lamenta haver de concluir, pelo que viu e pelo que estudou, que o ensino da oftalmologia em Portugal é irregular, insufficiente e impróprio dum país civilizado e europeu. Mal se comprehende que o ensino duma especialidade que em tôda a parte goza direitos de cidade, seja lançado ao ostracismo em duas Universidades e na única que o sustenta êle não tenha sido ministrado, a-pesar dos melhores esforços do actual professor, de maneira perfeita e completa por falta de recursos e organização adequada.

Se a urgência em dotar as Clínicas Universitárias decentemente, para que ensinem e investiguem, é indiscutível, premente se torna a necessidade

de organizar o ensino oftalmológico dando-lhe no quadro dos estudos médicos um lugar mais alto. Isso se justifica plenamente pela importância cada vez maior da oftalmologia na clínica geral. Importantíssimo se nos afigura também a criação de um curso apropriado para a concessão do título de *Especialista* hoje arbitrariamente usado com grande prejuízo para a ciência e para a moral. *Especialistas* com quatro ou cinco meses de frequência irregular em qualquer consulta enxameiam já por esse país fora. Ocorre-nos perguntar: ¿por desinteresse das entidades competentes ou apatia congénita das nossas organizações, estaremos condenados a voltar à velha época dos catarateiros? Que nos perdoem os venerandos mestres que à custa do seu génio arrancaram a oftalmologia às práticas e concepções desses tempos barbarescos.

O nosso país, segundo dados que publiquei, é um daqueles onde a cegueira acusa percentagens mais elevadas, o que aconselha a formação dum corpo médico devidamente especializado, não só na metrópole, mas também nas colónias. Nas colónias então a necessidade de maior interesse por estes assuntos é absoluta. Quando pretendi elaborar um trabalho sobre tracôma, dirigi-me às autoridades sanitárias de todos os nossos domínios de além-mar a pedir informações sobre a extensão, gravidade e medidas profiláticas e curativas contra o tracôma. Seja registado com assombro que de tôdas essas entidades só duas responderam nos termos mais vagos e imprecisos: Angola e Moçambique. Desaire semelhante aconteceu também a Pires de Lima, segundo leio no Relatório do Bolseiro da J. E. N., Luiz de Pina, pág. 19, quando pretendeu obter material das nossas possessões ultramarinas para estudos antropológicos.

A existência dum corpo médico verdadeiramente especializado, daria também alento à literatura que nos falta. Lembro-me dolorosamente que ao ser me perguntado um dia numa Universidade estrangeira, qual era o livro de oftalmologia mais vulgarmente seguido nas escolas, ter sido obrigado a responder de forma ambígua, iludindo a resposta com as dificuldades que sentia em exprimir-me na língua desse país. Fomos tão profundamente atacados por uma educação viciosa, a tudo nos habituamos tão pacificamente, que é fácil ser-se tomado como iconoclasta quando inspirado pelos in-



tuitos mais nobres se aconselhe a mudar de rotina sem medo dos ídolos e da sua sombra. E mudar de rotina é neste caso prover as três universidades portuguesas com clínicas oftalmológicas modernas, servidas por pessoal competente; mudar de rotina é estimular essas clínicas por todos os meios a formar e criar ciência; mudar de rotina será organizar as carreiras científicas de forma que a Universidade encontre sempre entre suas *élites* os valores de que necessita, fugindo ao ilusório e tantas vezes falso processo do concurso; mudar de rotina será incitar e animar a literatura científica portuguesa, aconselhando o seu uso nas próprias universidades, premiando os publicistas e se tanto fôr necessário, garantindo a colocação dos livros que o mereçam. A população portuguesa e brasileira entendida por intermédio dos seus órgãos científicos e políticos, é cabedal bastante para que este último desejo não seja uma utopia: Finalmente, exija-se o conhecimento da língua alemã a todo o candidato à matrícula numa faculdade de medicina e dê-se a todo o português de raça e de nascimento a garantia plena de nunca poder ser preterido por qualquer estrangeiro. Imitemos, que não nos faz mal imitar, esse grande país que é o Japão o mais nacionalista de todos os povos. Em hora feliz para a ciência portuguesa foi criada a Junta de Educação Nacional. A sua actuação, embora recente, levantou já no espírito dos novos, esperanças, que por certo não serão ilusórias, para que não suceda como judiciosamente se diz num dos Relatórios da Junta que os Bolseiros reconhecendo ao voltar à Pátria, a impossibilidade material do trabalho científico na sua terra, deixem no seu espírito crescer o desânimo, o cepticismo ou a revolta. Hoje que em Portugal parece acordar uma nova mentalidade, hoje que tanto se fala em « Império » e no espírito de muito português renasce a mística dum « Portugal Maior », radique-se profundamente a idea de que tudo o que se fizer em prol da ciência, sê-lo-á fundamentalmente.

A Bem da Nação

Paço de Arcos, 30 de Junho de 1934

A. L. DE ANDRADE





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329678857

M
A